

## CARTA ABERTA AOS BISPOS DO CELAM

Caríssimos irmãos bispos

Li a Mensagem que mandaram no final da 40ª Assembleia que tiveram no Rio no fim do mês de maio. Que boa-nova li aí? Perdoem-me a franqueza: Nenhuma. Os Srs., bispos do CELAM, repetem sempre a mesma cantilena: social, social e social. E isso há mais de cinquenta anos. Caros irmãos maiores, não veem que essa música já cansou? Quando é que nos darão boas-novas de Deus, de Cristo e do seu Espírito? Da Graça e da Salvação? Da Conversão do coração e da Meditação da Palavra? Da Oração e da Adoração, da Piedade para com a Mãe do Senhor e de outros temas semelhantes? Enfim, quando é que vão nos mandar uma mensagem verdadeiramente religiosa, espiritual?

É precisamente disso que mais necessitamos hoje e que estamos esperando há tempos. Vem-me aqui à mente a palavra de Cristo: “Os filhos pedem pão e vós lhes dais uma pedra” (Mt 7,9). O próprio mundo secular está farto de secularidade e parte em busca de espiritualidade. Mas não; os Srs. continuam a oferecer-lhes o social e ainda o social; do espiritual, quase só migalhas. E pensar que os Srs. são depositários da riqueza maior, aquela de que o mundo mais precisa e que, no entanto, de certa forma, lhe sonegam. As almas pedem o sobrenatural, e os Srs. insistem em lhes dar o natural. Esse paradoxo se nota até nas paróquias: enquanto os leigos se comprazem em mostrar sinais da sua identidade católica (cruzes, medalhas, véus, blusas com estampas religiosas), padres e freiras vão na contramão e aparecem sem qualquer sinal distintivo.

E, no entanto, os Srs. dizem, sem qualquer hesitação, que ouvem os “clamores” do povo e que estão “conscientes dos desafios” de hoje. Mas sua escuta vai até o fundo? Não fica na superfície? Leio sua lista de “clamores” e “desafios” de hoje e vejo que não passa daquilo que observam os jornalistas e os sociólogos mais ordinários. Não ouvem os Rev.mos que, do “mundo profundo”, levanta-se hoje um formidável grito por Deus? Um grito que até muitos analistas seculares ouvem? E não é porventura para escutar esse grito e dar-lhe uma resposta, a resposta verdadeira e plena, que a Igreja e seus ministros existem? Para os “clamores sociais”, estão aí os Governos e as Ongs. A Igreja, sem dúvida, não pode ficar fora desse jogo. Mas não é ela, nesse campo, a protagonista. Seu campo próprio de ação é outro e mais alto: responder precisamente ao “clamor por Deus”.

Sei que os Srs. bispos são dia e noite acossados pela opinião pública para se definirem como “progressistas” ou como “tradicionalistas”, como “da direita” ou “da esquerda”. São, porém, essas, categorias para bispos? Não são, antes, as de “homens de Deus” e “ministros de Cristo”? Nisso São Paulo é categórico: “Quero que todos nos reconheçam como ministros de Cristo e como administradores dos Mistérios de Deus” (1Cor 4,1). Não é ocioso lembrar aqui que a Igreja é, antes e acima de tudo, “Sacramento de salvação” e não uma simples instituição social, progressista ou não. Ela existe para anunciar Cristo e sua graça. Aí está seu foco central, seu compromisso maior e perene. Tudo o mais vem depois. Desculpem, caríssimos, se estou aqui lembrando o que já sabem. Mas, por que então tudo isso não aparece em sua Mensagem e nos escritos do CELAM em geral? De sua leitura, tira-se quase inevitavelmente a conclusão de que a grande preocupação da Igreja hoje, em nosso continente, não é a causa de Cristo e de sua salvação, mas, antes, as causas sociais, como a justiça, a paz e a ecologia, que os Srs. em sua Mensagem citam, tal um outro refrão.

A própria carta que o Papa Leão mandou para o CELAM, na pessoa do Seu Presidente, fala com todas as letras da “necessidade urgente de recordar que é o Ressuscitado que protege e guia a Igreja, reavivando-a na esperança, etc.” Recordai-lhes ainda o Santo Padre que a missão própria da Igreja é, nas palavras dele mesmo, “ir ao encontro de tantos irmãos e irmãs, para anunciar-lhes a

mensagem da salvação de Cristo Jesus”. Entretanto, qual foi a resposta que os Venerandos irmãos deram ao Papa? Na carta que lhe escreveram, não há qualquer eco dessas advertências papais. Antes, os Srs. lhe pedem que os ajude, não a manter viva na Igreja a memória do Ressuscitado; não a anunciar aos irmãos a salvação em Cristo, mas, sim, a apoiá-los em sua luta para “incentivar a justiça e a paz” e para “sustentá-los na denúncia de toda forma de injustiça”. Em suma, o que os Srs. fizeram sentir ao Papa foi a velha cantilena: “social, social...”, como se ele, que trabalhou entre nós por décadas, nunca a tivesse ouvido. Dirão os Srs.: “Mas essas são verdades pressupostas, que não precisa repetir o tempo todo.” Não, caríssimos; precisamos, sim, repeti-las, com renovado fervor, todo o santo dia, se não, se perdem. Se não fosse preciso sempre redizê-las, por que então o Papa Leão lhas recordou? Sabemos o que acontece quando um homem dá por descontado o amor de sua esposa e não cuida em alimentá-lo. Isso vale infinitamente mais em relação à fé e ao amor a Cristo.

Não falta, entretanto, em sua Mensagem o vocabulário da fé. Leio aí: “Deus”, “Cristo”, “evangelização”, “ressurreição”, “Reino”, “missão”, “esperança”. São, contudo, palavras postas aí de modo genérico. Não se vê nelas nada de um claro conteúdo espiritual. Fazem, antes, pensar no costumeiro refrão “social, social e social”. Peguem, por favor, as duas primeiras palavras, palavras-chave, e mais que elementares, de nossa fé: “Deus” e “Cristo”. Quanto a “Deus”, os Srs. não o citam por si mesmo nenhuma vez. Só o referem nas expressões estereotipadas “Filho de Deus” e “Povo de Deus”. Irmãos, não é de pasmar? E quanto a “Cristo”, só aparece duas vezes, e ambas apenas de passagem. Uma delas é quando, recordando os 1.700 anos de Nicéia, falam da “nossa fé em Cristo Salvador, etc.”, declaração enorme, mas que não tem, na Mensagem dos Srs., qualquer incidência. Eu, daqui do meu canto, me pergunto por que não aproveitar dessa imensa verdade dogmática para renovar, com todo o fervor, o primado do Cristo-Deus, confessado tão fracamente hoje na pregação e na vida de nossa Igreja.

Declaram V. Ex.as, e com razão, que querem uma Igreja que seja “casa e escola de comunhão”, e, além disso, “misericordiosa, sinodal e em saída”. E quem não quer? Mas cadê Cristo nessa imagem ideal de igreja? Uma Igreja que não tem Cristo como sua razão de ser e falar, não passa, na expressão do Papa Francisco, de uma “Ong piedosa”. Mas não é por aí que vai a nossa Igreja? Menos mal é quando, em vez de irem para os sem-religião, os católicos se fazem evangélicos. Em todos os casos, nossa Igreja perde sangue. O que mais se vê por aí são igrejas vazias, seminários vazios, conventos vazios. Em nossa América, já 7 ou 8 países não contam mais com a maioria católica. O próprio Brasil se encaminha para ser “o maior país ex-católico do mundo”, no dizer de um conhecido escritor patricio. Não parece, no entanto, que essa queda contínua preocupe tanto os Venerandos irmãos. Vem à mente a denúncia de Amós contra os dirigentes do povo: “Vós não vos afligis com a ruína de José” (Am 6,6). É estranho que, sobre um declínio tão vistoso, os Srs. em sua Mensagem não exalem um pio. Mais espantoso ainda é que o mundo secular fale mais desse fenômeno do que os bispos, que preferem se calar. Como não lembrar aqui a acusação de “cães mudos” feita por São Gregório Magno e repetida há poucos dias por São Bonifácio?

Por certo, não há na Igreja de nossa América apenas um processo de queda, mas também um de ascensão. Os Srs. mesmos dizem, em sua Mensagem, que nossa Igreja “continua pulsando com força” e que disso existem “sementes de ressurreição e esperança”. Mas, onde estão, queridos bispos, essas “sementes”? Não parecem que estão no social, como os Srs. poderiam imaginar, mas no religioso. Estão especialmente nas paróquias renovadas, assim como nos novos Movimentos e Comunidades, fecundados pelo que o Papa Francisco chamou de “corrente de graça carismática”, de que a RCC é a forma mais conhecida. E conquanto todas essas expressões de espiritualidade e evangelização constituam a parcela eclesial que mais enche nossas igrejas (e o coração dos fieis), elas não mereceram da Mensagem episcopal um mísero “oi”. Entretanto, é lá, nessa sementeira espiritual, que está o futuro

de nossa Igreja. Sinal eloquente desse futuro é que, enquanto no social, atualmente, quase só se veem “cabeças brancas”, no espiritual se constata a corrida em massa para lá dos jovens de hoje.

Queridos bispos, já escuto sua reação reprimida, e talvez indignada: “Mas, então, com teu discurso pretensamente ‘espiritual’, a Igreja deve agora deixar de lado os pobres, a violência social, a destruição ecológica e tantos outros dramas sociais? Fazer isso não é sinal de cegueira e mesmo de cinismo?” De acordo, irmãos. Que a Igreja deva se envolver com dramas como os referidos, isso está fora de discussão. A verdadeira questão não está aí, mas nisto: É “em nome de Cristo” que a Igreja se envolve nesses dramas? Sua intervenção social e a de seus militantes é realmente “qualificada” pela fé, repito e específico, pela fé cristã? Com efeito, se a Igreja entra na luta social sem estar informada e animada por sua fé, a fé cristológica, nada mais fará do que faz qualquer Ong. Fará, pois, “mais do mesmo” e, caminho andando, fará pior: fará um social inconsistente, porquanto, sem o fermento de uma fé viva, a própria luta social acaba se pervertendo: de libertadora torna-se ideológica e finalmente opressora. É a lúcida e grave advertência que fez São Paulo VI (na *Evang. nunt.* 35,2) a propósito da “teologia da libertação” então nascente (advertência da qual essa teologia, pelo que parece, não tirou proveito algum).

Queridos irmãos maiores, permitam que lhes pergunte: Para onde é que os Srs. querem levar a nossa Igreja? O Srs. falam muito em “Reino”. Mas qual é o conteúdo concreto do seu “Reino”? Já que falam tanto em construir a “sociedade justa e fraterna” (outro dos seus ritornelos), pode-se pensar que seja tal sociedade o conteúdo central do “Reino” evocado. Não ignoro o grão de verdade que existe aí. No entanto, do conteúdo principal de “Reino”, isto é, do Reino presente, tanto nos corações hoje, como na consumação amanhã, os Rev.mos nada dizem. Em seu discurso, não se vê qualquer escatologia. É verdade: os Srs. falam por duas vezes de “esperança”, mas de um modo tão indefinido, que, dado o viés social de sua Mensagem, não há quem, ouvindo tal palavra de suas bocas, levante os olhos para o céu. Não nego, irmãos caríssimos, que seja também o céu sua “grande esperança”. Mas então, por que esse pudor de falar, alto e bom som, como fizeram tantos bispos do passado, em “Reino dos céus” (e também em “inferno”), em “ressurreição dos mortos”, em “vida eterna” e em outras verdades escatológicas, que oferecem tão grandes luzes e forças para as lutas do presente, além do sentido último de tudo? Não que o ideal terreno de uma “sociedade justa e fraterna” não seja belo e grande. Mas nada se compara com a Cidade do céu (Fl 3,20; Hb 11,10.16), da qual felizmente somos, por nossa fé, cidadãos e operários, e os Srs., por seu ministério episcopal, seus grandes engenheiros. Sim, darão também sua contribuição à Cidade secular, mas não é essa sua especialidade, mas a dos políticos e militantes sociais.

Quero crer que a experiência pastoral de muitos dos Srs. bispos seja mais rica e mesmo diversa da que emerge de sua Mensagem. Até porque os bispos, não estando sujeitos ao CELAM (que é apenas um órgão a seu serviço), mas somente à Santa Sé (e, naturalmente, a Deus), têm a liberdade de imprimir em suas respectivas igrejas a linha pastoral que julgarem melhor. Disso resulta às vezes uma legítima dissonância com a linha proposta pelo CELAM. Acresce uma outra dissonância: a que se constata entre os ricos documentos das CELAM’s (Conferências) e a linha mais restrita do CELAM (Conselho). Acrescentaria, com sua permissão, uma terceira dissonância, mais próxima dos Srs: aquela que pode ocorrer, e frequentemente ocorre, entre Magistério episcopal e Assessoria teológica, ou seja, entre os bispos e os redatores de seus documentos. Sem embargo, mesmo com todas essas dissonâncias, que nos dão uma visão deveras diferenciada da situação de nossa Igreja, sua Mensagem pelos 70 anos do CELAM parece bem ser um espelho fidedigno da situação geral da nossa Igreja: uma Igreja que prioriza o social em vez do religioso. E os Srs., bispos do CELAM, quiseram aproveitar de sua 40ª Assembleia Geral para “renovar o compromisso” de continuar nessa linha, ou seja, priorizando o

social. E entenderam retomar essa opção com toda determinação e de modo explícito, como se vê pelo uso tríplice que fizeram das palavras “renovar” e “compromisso”.

Compreendo, queridos bispos, sem pretender justificar nada, que, à força de insistir, não sem razão, no social e em seus dramas dolorosos, os Srs. tenham acabado deixando o religioso na sombra, sem, por certo, negar sua primazia. Esse, na verdade, foi um processo que, quase sem perceber e não sem grande perigo, começou em Medellín e chegou até nós hoje. Os Srs., contudo, sabem por experiência que, sem tirar quanto antes o religioso da sombra e expô-lo à luz nas falas e nos fatos, sua prioridade termina por se perder. É o que ocorreu com a figura central de Cristo: acabou relegada ao segundo plano. E se Ele continua ainda confessado como Senhor e Cabeça da Igreja e do Mundo, é de modo perfunctório, ou quase. E a prova dessa lenta deterioração está sob nossos olhos: a decadência de nossa Igreja. A seguir na mesma linha, decairemos cada vez mais. Tudo porque, antes de decair nos números, decaímos infelizmente quanto ao fervor da fé, da fé em Cristo, centro dinâmico da Igreja. Como veem, irmãos, são os próprios números que nos provocam a todos, mas principalmente aos Srs. do CELAM, no sentido de retificar a linha geral da nossa Igreja, para que, retomando com ardor nossa opção por Cristo, ela volte a crescer em qualidade e quantidade.

É, portanto, hora, e mais que hora, de retirar Cristo da sombra e remetê-lo em plena luz. É hora de restituir-lhe a primazia absoluta, quer na Igreja *ad intra* (na consciência individual, na espiritualidade e na teologia), quer na Igreja *ad extra* (na evangelização, na ética e na política). A Igreja de nosso continente precisa urgentemente voltar ao seu verdadeiro centro, retornar ao seu “primeiro amor”. A isso exortava um antecessor dos Srs., o bispo São Cipriano, nestes termos lapidares: “Nada em absoluto preferir a Cristo” (*Christo nihil omnino praeponere*). Com isso, caríssimos, estaria eu lhes pedindo algo de novo? Absolutamente. Estou apenas lhes recordando a exigência mais evidente da fé, da fé “antiga e sempre nova”: a opção absoluta por Cristo Senhor, o amor incondicional por Ele, requerido particularmente dos Srs., como Ele o fez com Pedro (Jo 21,15-17). Urge, pois, adotar e praticar clara e decididamente um cristocentrismo forte e sistemático; um cristocentrismo verdadeiramente “avassalador”, como se exprimia São João Paulo II. Não se trata aqui, em absoluto, de cair num cristomonismo alienante (notem, por favor, a palavra “cristo-monismo”). Trata-se, sim, de viver um cristocentrismo aberto, que fermente e transforme tudo: pessoas, Igreja e sociedade.

Se ousei, queridos bispos, dirigir-me diretamente aos Srs., foi porque há muito tempo vejo, consternado, repetidos sinais de que nossa amada Igreja está correndo um perigo realmente grave: o de alienar-se de sua essência espiritual, para dano de si mesma e do mundo. Quando a casa está pegando fogo, qualquer um pode gritar. E já que estamos entre irmãos, vai aqui, por fim, uma confiança. Depois de ter lido sua Mensagem, sucedeu-me algo que senti quase 20 anos atrás, quando, não podendo mais suportar os repetidos equívocos da teologia da libertação, subiu-me do fundo da alma tal ímpeto que bati na mesa e disse: “Chega! Tenho que falar”. Foi sob o impacto de uma moção interior análoga que redigi a presente carta, esperando que nela o Espírito Santo tenha tido alguma parte.

Pedindo à Mãe de Deus que invoque as luzes do mesmo Espírito sobre os Srs., bispos caríssimos, aqui me subscrevo como irmão e servo:

Fr. Clodovis M. Boff, OSM

Rio Branco (AC – Brasil), 13 de junho de 2025: festa de Sto. Antônio, doutor da Igreja